

ENTRE O SENTIR E O VER: REDESCOBINDO AS PLANTAS – UMA OFICINA SENSORIAL SOBRE IMPERCEPÇÃO BOTÂNICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

KAREN FRANCINE VOIGT LEDEBUHR¹; ANA FLÁVIA JAQUES BERTOLETTI²;
ALANA DE OLIVEIRA DE SOUZA³; MATHEUS SABEDRA GAUTÉRIO⁴;
RAQUEL LÜDTKE⁵; FÁBIO ANDRÉ SANGIOGO⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – karenledebuhr01977@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – anaflaviabertoletti@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – alanaoliveira366@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – matheussabedra10@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – raquelludtke28@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – fabiosangiogo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Invisibilidade Botânica, também conhecida como Cegueira ou Impercepção Botânica, refere-se à tendência humana de ignorar ou não reconhecer as plantas no cotidiano, apesar de sua presença constante em todos os aspectos da vida. Esse fenômeno impacta diretamente a valorização da flora e o engajamento com a conservação ambiental, sendo, portanto, uma temática determinante no campo da educação em ciências (SALATINO e BUCKERIDGE, 2016).

Estudos demonstram que, ao observar paisagens ilustradas ou cenas do cotidiano contendo diferentes organismos, a atenção das pessoas tende a se concentrar em animais, enquanto as plantas muitas vezes passam despercebidas (WANKE, 2013). Essa seletividade perceptiva, além de ser culturalmente reforçada, também é um reflexo de práticas pedagógicas que historicamente negligenciam a Botânica no ensino básico, contribuindo para a manutenção da invisibilidade das plantas no imaginário coletivo (SALATINO e BUCKERIDGE, 2016).

Pensando nisso, idealizamos a oficina “Entre o Sentir e o Ver: Redescobrindo as Plantas”, realizada no dia 5 de julho de 2025, no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Subprojeto Interdisciplinar (Biologia, Física e Química), organizada por licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A atividade foi planejada a partir de um convite de uma das escolas parceiras, o Colégio Municipal Pelotense, no evento “Sábado em Foco” da área das Ciências da Natureza e que ocorre anualmente.

O objetivo da atividade, brevemente apresentada e relatada neste texto, visa estimular o olhar sensível e a curiosidade dos alunos do Ensino Fundamental sobre as plantas, promovendo uma experiência sensorial e criativa, aproximando-os ao universo vegetal de forma lúdica, participativa e significativa. A proposta se inspira em reflexões teóricas que evidenciam o desinteresse social pelas plantas (SALATINO e BUCKERIDGE, 2016) e propõe novos caminhos para superar esse distanciamento (PARSLEY, 2020). Ainda, tem base na aprendizagem significativa de Ausubel (2003), a qual destaca a importância de ativar conhecimentos prévios como ponto de partida para um aprendizado mais duradouro.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A oficina foi organizada em quatro momentos e em duas sessões (08h30min às 10h e 10h30min às 12h), com vagas limitadas a 15 alunos por grupo. Na primeira sessão tivemos 6 participantes, o que possibilitou desenvolver cada etapa com mais tempo e atenção às interações. Já na segunda sessão tivemos 12 participantes, o que exigiu maior dinamismo por parte dos oficineiros na organização das tarefas e condução das etapas. O público-alvo foram estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e a abordagem buscou ser acessível, acolhedora e divertida.

A atividade inicial de percepção visual, teve como objetivo provocar uma reflexão sobre como os estudantes percebem o ambiente ao seu redor. Foram exibidas imagens contendo diversos elementos da natureza, como paisagens e florestas, todas com a presença de diferentes organismos vivos. Em cada imagem, havia um animal em posição central de destaque, cercado por um ambiente repleto de plantas. Os estudantes foram convidados a observar as imagens e listar todos os seres vivos que conseguiam identificar, mas que, de forma geral, os animais sempre foram citados antes das plantas. Esse exercício serviu como ponto de partida para discutir a ideia de impercepção botânica, levando os participantes a refletirem sobre a invisibilização das plantas no cotidiano.

Em um segundo momento realizamos uma atividade sensorial, em que os voluntários tiveram os olhos vendados e receberam uma “caixa-misteriosa” contendo um item vegetal. Sem tentar adivinhar do que se tratava, os participantes deveriam apalpar e descrever a textura, peso, forma e as diferentes estruturas percebidas no objeto. Enquanto isso, os demais alunos, com base nessa descrição oral, realizavam um desenho do que imaginavam estar sendo descrito pelo aluno com a caixa. Após a revelação do item, promovia-se uma discussão coletiva sobre a percepção sensorial, a diversidade morfológica das plantas e a dificuldade de reconhecer os elementos vegetais no cotidiano quando não se está atento. Entre os itens utilizados na atividade estavam: um côco seco (*Cocos nucifera* L), uma folha de orelha-de-urso (*Pleroma heteromallum* D.Don), um pedaço da casca de papeleira (*Melaleuca leucadendra* (L.) L.) e um cacho de frutos do pingo-d'ouro (*Duranta repens* L). Esses itens foram escolhidos por apresentar diferentes texturas, contribuindo para o estímulo sensorial e a análise botânica pelos participantes.

Em um terceiro momento foi realizada uma introdução à morfologia vegetal, com o auxílio de um modelo didático e um desenho esquemático no quadro, sendo realizada uma apresentação breve e interativa dos principais órgãos das plantas: raiz, caule, folha, flor e fruto. A proposta visava proporcionar uma base conceitual mínima para que os estudantes compreendessem as estruturas que apareceram nas atividades anteriores, buscando dialogar com os conhecimentos prévios dos participantes, seguindo a perspectiva da aprendizagem significativa em que, conforme Ausubel (1963), a construção do conhecimento ocorre a partir da integração entre o novo conteúdo e os saberes já existentes.

Em um quarto momento, para finalizar a oficina, os participantes foram convidados a confeccionar um marca-páginas utilizando flores e folhas secas. A

proposta teve como objetivo consolidar a vivência proporcionada ao longo da atividade, promovendo a expressão criativa e o fortalecimento do vínculo afetivo com as plantas. Esse momento também funcionou como uma forma de retomada simbólica dos conteúdos abordados, permitindo que os estudantes refletissem, por meio da arte, sobre os elementos botânicos explorados sensorial e visualmente durante a oficina. Todo o material necessário para a produção foi fornecido e/ou preparado previamente pelos oficineiros. Ao final, cada participante pôde levar seu próprio marca-páginas como lembrança personalizada da experiência vivida.

Os materiais utilizados durante a oficina incluíram o que chamamos de “caixa-misteriosa” (confeccionada com uma caixa de papelão contendo um orifício na parte superior central, com largura de suficiente para a inserção da mão), além de folhas, frutos e outras estruturas vegetais frescas utilizadas na atividade sensorial, também papel cartão e papel contact, fita dupla-face, flores e folhas secas (previamente coletadas, prensadas e secas) utilizadas na produção artística final. Tablets foram empregados na exibição das imagens durante a atividade de percepção visual, e um quadro branco auxiliou nas explicações. O modelo didático de flor (produzido por uma das oficineiras em momento anterior na graduação) foi utilizado no momento da introdução teórica, para apoiar a apresentação das estruturas botânicas de forma visual e interativa.

A fundamentação metodológica da oficina foi baseada na proposta de práticas pedagógicas sensíveis, que valorizam a construção de significados por meio da experiência, da expressão artística, da escuta ativa e do envolvimento corporal e emocional dos estudantes (AUSUBEL, 2003). Essa abordagem busca romper com métodos expositivos e estimular a aproximação dos participantes com os conteúdos de forma mais vivencial, reflexiva e efetiva. No contexto da Botânica, esse tipo de prática é especialmente relevante, considerando a recorrente invisibilização das plantas no cotidiano e na educação formal. Nesse viés, acreditamos que as vivências mobilizam sentidos e promovem a participação ativa, favorecendo um aprendizado mais significativo, despertando a curiosidade, a atenção e o reconhecimento da diversidade vegetal presente ao seu redor.

Figura 1: Etapas da oficina “Entre o Sentir e o Ver: Redescobrindo as Plantas”



(a.) Atividade de percepção visual; (b.) Participante explorando a caixa-misteriosa; (c.) Confecção de marca-páginas; (d.) Marca-páginas com folhas e flores secas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da variação no número de participantes da oficina, em ambas as sessões, os objetivos propostos foram alcançados, com uma boa participação dos alunos. A oficina proporcionou aos participantes uma experiência enriquecedora de descoberta e reconexão com o universo vegetal. Por meio de propostas lúdicas, sensoriais e interativas, foi possível estimular a curiosidade, a escuta atenta e o olhar mais sensível dos estudantes para as plantas, contribuindo diretamente para a superação da impercepção botânica, a exemplo da atenção despertada para as plantas nas imagens inicialmente ofuscadas pelos animais, da curiosidade e surpresa na atividade sensorial da ‘caixa-misteriosa’ e da dedicação dos participantes na confecção dos marca-páginas com elementos vegetais.

As atividades despertaram o interesse e o envolvimento genuíno dos discentes, promovendo uma aproximação afetiva e significativa com os momentos de exploração tátil e visual, bem como a dedicação expressa na confecção dos marca-páginas, evidenciando o impacto positivo da vivência. A oficina demonstrou que práticas educativas que envolvem os sentidos e a criatividade podem ressignificar a relação dos estudantes com o mundo vegetal, favorecendo a aprendizagem ativa e contextualizada.

Além disso, a realização da atividade evidenciou o potencial formativo de ações extensionistas no processo de formação docente inicial, ao proporcionar aos licenciandos a oportunidade de planejar, executar e refletir sobre práticas pedagógicas. Entre os principais desafios enfrentados, destaca-se a variação no número de participantes entre as sessões e a necessidade da constante adaptação para garantir o engajamento de todos. Como sugestão para futuras edições, considera-se relevante o aprofundamento conceitual dos conteúdos botânicos abordados, como o ciclo de vida das plantas, adaptações morfológicas e relações ecológicas envolvendo as plantas. Além disso, propõe-se a incorporação de novos recursos visuais e tecnológicos, como lupa de mão, estereomicroscópios portáteis, modelos tridimensionais, coleção de exsicatas e/ou herbários didáticos. Por fim, reforça-se a importância de integrar sensibilidade, ciência e criatividade nas práticas de ensino, especialmente quando se busca ampliar a percepção e o valor das plantas no cotidiano dos estudantes.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.
- PARSLEY, K. M. Plant awareness disparity: a case for renaming plant blindness. **Plants, People, Planet**, v. 2, n. 6, p. 598-601, 2020.
- SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. *De scientia amabilis a scientia neglecta*. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 177-193, 2016.
- AGRADECIMENTO:** Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, a partir do PIBID.